ANO 7.º Sexta-feira, 1 de Janeiro de 1915 NUMERO 350

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . 1$20
Semestre . . . $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso . . . $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luis de Camões

ANÚNCIOS

Por linha. . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

1914-1915

Ha bem poucas horas que na voragem do tempo decorreu mais um ano, 1914, levando envolto no periodo decorrido a realidade de determinados factos, no seu maior numero mais proprios e merecedores de triste e lamentavel registo, do que a estimular o brio, o patriotismo e a fé dos que ainda alimentam, apesar de tudo, a fulgida esperança na regeneração da Patria.

Faltam-nos apontamentos precisos para que, compilados e coordenados, podêssemos registar como efemerides rigorosamente verdadeiras todo esse turbilhão de desordenados actos, de medidas dementadas, de transigencias vergonhosas e de expedientes inuteis que dentro desses trezentos e sessenta e cinco dias decorridos foram praticados e consumados.

E', na verdade, assustador o enorme *deficit* de verdadeiro bom senso, de genuino amor nacional e sincéro patriotismo que nos léga o ano que acaba.

O ano que passa não nos deixa sobre qualquer ponto de vista que seja estudada, a mais insignificante razão a lembrar a sua passagem, acordando essa data no espirito publico como uma recordação grata e agradavel.

Além das tristissimas notas vibradas pela perigosa e incompreensivel politica nacional, foi no meiado do seu decurso que se iniciou a formidavel e espantosa guerra que em cinco mezes tem aniquilado por diversas fórmas cêrca de seis milhões de homens: a população inteira de Portugal!

E, como não satisfeito com os surpreendentes e variados espetaculos com que sempre nos colheu desde o seu inicio, léga ao seu sucessor—1915—a gráve situação externa e interna em que o país se debate, culpa unica e exclusiva, em abono da verdade e declaramos, dos chamados chefes politicos, que, esquecendo a honra da nação e a dignidade do regimen, se deixam arrastar por miseros e inconfessaveis interesses partidarios e odios exclusivamente pessoaes, que o país está cançado de reprovar e observa com asco.

Mas como nota da maior importancia no momento presente é, sem duvida alguma, a insuficiencia do atual governo, na sua maioria composto por homens a quem falta os indispensaveis requisitos, áparte a força moral e politica, para sobrepôr-se, com vantagens, não só a todas as necessidades e medidas a tomar, como ainda a acabar de vez com esse espetaculo vergonhoso e degradante que um homem sem patriotismo, nem senso, está oferecendo aos olhos do mundo inteiro.

Referimo-nos á atitude do sr. Brito Camacho, que na hora presente tem a maior impunidade na tibieza criminosa do governo, que com o seu silencio e a sua inércia, tacitamente o ajuda e autorisa a sua propaganda infame, o que em nenhum país—do mais liberal ao mais absoluto—se teria permitido.

A Clemenceau, essa grandissima figura da politica francêsa, sol de primeira grandeza em confronto com a figura torcida e suja do redactor da *Lucta*, discutindo no seu jornal diversos actos do governo francês, que este considerou inoportuno, foi-lhe suprimida a folha e avisado de medidas violentas no caso de reincidencia. O mal cessou e Clemenceau não discutiu as providencias governamentaes, contentando-se apenas com a publicação dum novo jornal.

Entre nós, desgraçadamente, dia a dia, vae-se agravando uma situação que não só nos deprime como nos humilha perante os nossos proprios olhos, oferecendo á Europa, com uma indiferença de imbecis, este espetaculo tão profundamente triste, tão repugnantemente anti-patriotico: o chefe dum partido, desvendando assuntos diplomaticos da mais indispensavel reserva com o consentimento do govêrno que não se sente com forças para cumprir com o seu dever, que a nação, traída e desonrada, exige e impõe.

Noutro país, onde houvésse a nitida compreensão dos deveres de cada um e ministros á altura dos seus cargos, o sr. Brito Camacho estava calado, mal esboçasse referir-se ao assunto que desgraçada e vergonhosamente ha tanto vem tratando e agravando hora a hora, de mistura com as provocações mais revoltantes a tudo que qualquer homem medianamente educado respeita e venéra.

Independente, porém, deste caso, que só por si define um ministério e um traidor, temos o governo a manter relações diplomaticas com um país que mandou os seus soldados invadir não só o nosso territorio como assassinar oficiaes e soldados portuguêses.

Muito se gritou contra a situação caída, e disso se fez cavalo de batalha, porque ou eramos beligerantes,como aliados, e já ofendidos ou tornava-se incompreensivel a situação mantida pelo gabinete do sr. Bernardino Machado.

Pois como procedimento oposto áquele, o governo atual vae fornecendo a lista dos mortos em Africa pelos assassinos e ladrões alemães enquanto tambem anuncia á imprensa a noticia, como prova de bom entendimento com aquela nação, que a *Alemanha comunicou á legação de Portugal, em Berlim, que se manifestaram 17 casos de colera naquele imperio!*

E', na verdade, consolador e pena é que o governo não diga ao país se o nosso representante, aproveitando o ensejo da comunicação, teria transmitido a lista dos oficiaes e soldados mortos em Africa pelas tropas germanicas.

Como se vê, é um governo á altura da gravidade das circunstancias. Sobre isso não restam duvidas. Acalenta-nos, contudo, a esperança que o ano que entra, fresco e robusto, traga com a sua juventude remedio pronto para todos estes males, tornando-se digno de ser inscrito como uma data memoravel de paz, concordia e progresso, exaltando os justos e os dignos, confundindo os ineptos e os traidores.

Se assim fôr, bem vindo seja 1915.

Films . . .

Diferenças

Na secção— *Casos & Notas* — do semanario republicano *Independencia de Agueda*, lê-se:

Dr. Barbosa de Magalhães

«Tomou na terça-feira posse do cargo de ministro da Justiça o nosso amigo, sr. dr. Barbosa de Magalhães, filho do grande advogado aveirense do mesmo nome, já falecido, deputado e lente da faculdade de direito, na Universidade de Lisboa. Muito talentoso e trabalhador, o sr. dr. Barbosa de Magalhães creou dentro do seu partido um logar de tanto destaque, que uma votação unanime elevou-o agora ao alto cargo de ministro da nação. Ninguem duvida que hade desempenha-lo com aplauso e louvores, porque lhe não falta competencia, nem um grande amor á Republica.»

E mais abaixo:

Correligionario

«Informam-nos que certo mandarim na época do progressismo, por sinal dos mais azedos e dos mais ouvidos, na historica povoação para onde o mandou o govêrno provisorio, passa por ser um democratico convicto. Que na sua terra o não póde ser e não o é pois se não entende com os republicanos locaes. Este, como tantos outros, é verde e encarnado, ou azul e branco, conforme lhe dá na gana ou o exigem interesses de qualquer ordem. Por isso no programa governamental se diz que ainda é necessario defender a Republica.»

Ora vejam o que as coisas são: para uns todas as gentilêsas, todos os salamaleques; para outros a duvida, a incertêsa, a hesitação.

Mas a *Independencia* que assim descrimina os *correligionarios* lá sabe o motivo porque o faz...

"O Democrata,,

A todos os seus amigos, estimaveis assinantes e colégas, colaboradores e anunciantes, deseja festas felizes e um novo ano repleto de prosperidades.

Um precalço

O comissario de policia de Santarem foi a Lisboa. Coisa assaz natural atendendo mesmo á distancia que separa as duas cidades, e que é pequena. Na volta, porém, e antes de embarcar, viu, ao que parece, uns olhos bagageiros que o atraíam. Tentação do demonio... Ficou mais algumas horas. Armou em conquistador. Dirigiu, timido, os primeiros galanteios, que foram aceites, e não tardou que de aí a pouco se considerasse o homem mais feliz do mundo...

Estava-lhe reservada, todavia, uma surprêsa: é que não supondo que os 95 escudos que levava na carteira pudéssem ter qualquer *desvio* tambem, não fez por os acautelar, o que deu em resultado ficar sem eles. E isso foi o diabo. Por todas as razões e ainda mais esta: saber-se que o comissario de policia de Santarem, armado em D. Juan, caiu no laço como qualquer catita...

O lambareiro...

O **Democrata** *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

No sul de Angola

Uma sortida de alemães ao forte de Cuangar ---Massacre de soldados portuguêses ---Pormenores

Déram ha dias os jornaes diarios resumidas noticias de acontecimentos de cérta gravidade produzidos ao sul de Angola e pelas quaes se ficou sabendo dum revez que as nossas tropas tivéram em Africa ocasionado por um assalto cobarde dos alemães ao forte de Cuangar; mas ou porque não tivéssem elementos para as ampliarem ou porque ainda não fossem conhecidos pormenores da façanha, mais nada disséram senão que o govêrno ia mandar uma nova expedição composta de 4:000 homens e que, como as restantes, tem por fim assegurar e defender o nosso dominio colonial.

Hoje, porém, que a infamia resalta em toda a sua plenitude não resistimos á tentação de a tornar conhecida dos nossos leitores, transcrevendo duma carta recebida esta semana de Mossamedes, e que traz a data de 28 de novembro, a parte respeitante ao desastre sofrido em condições que revoltam pela crueldade que o caracterisa á face do mundo civilisado.

São, pois, dessa carta os periodos que vão lêr-se, e estâmos convencidos de que nenhum português deixará de se sentir indignado com o procedimento da cafila alemã ao romper contra nós as hostilidades.

Diz assim:

. . . .

Vou dar-te agora algumas noticias sobre o que por aqui se passa com os alemães.

Deves estar ao facto de que viéram para Angola tropas com o fim de guarnecer a nossa fronteira que confina com a colonia alemã bem como da vinda de mais um contingente de marinha que ainda se encontra em Mossamedes devendo partir a 1 de dezembro para o interior a juntar-se ao grosso da coluna. Mas o que talvez ignores é que as nossas forças já foram atacadas em vários pontos fronteiriços do qual faz parte tambem o sul de Mossamedes.

Em um dos fortes de Cuangar foram mortos todos os que constituiam a guarnição do posto, á excepção de dois tenentes (Coelho e Machado) que desapareceram e não se sabe deles. O comandante era egualmente tenente e chamava-se Durão, meu conhecido e amigo. Morreram, portanto, além deste, dois sargentos, quatro cabos europeus e todas as praças indigenas. Uma verdadeira chacina!

O posto foi atacado pelos alemães, de madrugada, quando todos dormiam.

Em outro posto, o de Cafémo, aconteceu o contrario. O camandante, tenente Sereno, tendo visto ao longe alguns alemães armados e a aproximarem-se intimou-os a abandonarem as armas, ordem a que eles não obedeceram. Em vista disso o Sereno não esteve com meias medidas: atirou-lhes logo, resultando da refrega ficarem mortos dois tenentes alemães, sendo um medico, e vários soldados; tendo os outros fugido a internarem-se no seu territorio depois de abandonarem no campo o carro de munições que traziam.

A causa destes ataques foi devido a combinações havidas com os da missão de Huila (alemã) e o vice-consul Alemão, Choss, pois tinham assentado, ao que pareces no fornecimento de mantimento, pelo nosso territorio para Damaralânde (colonia alemã), mas como se tivéssem demorado os carros das mercadorias, surpreendidos por caminhos extranhos, os alemães viéram procura-los, resultando de aí os recontros sanguinolentos a que aludo.

O vice-consul Choss, o chefe da missão e todos os alemães que se encontravam no distrito de Huila e Mossamedes foram presos e já alguns vão a caminho de Loanda.

Como na fortalêsa de Mossamedes não houvésse logares para a maior parte dos detidos foi o hospital transformado em prisão. Estivéram aqui os principaes responsaveis pelos acontecimentos, sendo a guarda feita pelos voluntarios.

Está tambem sob custodia uma alta personalidade que pertencia a uma missão da qual fazia parte o coronel Coelho e Roma Machado. Chama-se Chauver. Este alemão é oficial de artilharia e, segundo se tem apurado, vinha encarregado pelo seu govêrno de exercer a espionagem além de concitar contra nós o boer, trabalho que outros já desenvolviam quasi ás escancaras.

As nossas tropas, sob o comando de Roçadas, apenas soubéram dos ataques aos fortes portuguêses seguiram imediatamente para o interior devendo estar para além Cunene. (Cuangar fica para lá do Cuamato perto de um mez de viagem!)

A guarnição de Mossamedes e Huila está em campanha e eu aqui estou para o que fôr preciso, apezar do excessivo trabalho, como pódes calcular.

. . . .

O nosso amigo fecha a sua carta esperançado no exito seguro das operações que vão realisar-se e que hão-de trazer mais uma vez dias de gloria para Portugal, pelo valor dos seus soldados, pela coragem que neste momento anima o exercito contra o inimigo comum—a Alemanha.

Nós o acompanhâmos. Seguros, tambem, de que assim acontecerá.

* * *

Depois de composto o que atraz fica, fomos dolorosamente surpreendidos com a seguinte nota oficiosa do govêrno, datada de 29 de dezembro, que nos dá conta dum novo revez sofrido pelas nossas forças em Africa e que, como era de prever, se espalhou rapidamente, causando a maior sensação:

«Por telegrama recebido hoje de madrugada do comando das forças expedicionarias em Angola, conhecem-se pormenores do ultimo ataque a Naulila, dado na madrugada de desoito. As nossas forças estavam divididas em dois destacamentos, um para defender a passagem do Cunene em Calveque, outro para defender directamente Naulila. Os alemães ocuparam os terrenos em frente a Calvaque, e depois dos primeiros encontros com patrulhas de cavalaria, em desesete á tarde, o destacamento de Calveque comunicou para Naulila que tres colunas inimigas largaram o acampamento na direcção de Léste, tendo o comandante ordenado que fossem tomadas posições de combate, passando ali a noite e fazendo parte desse destacamento a cavalaria. Em Naulila havia pouca cavalaria, sendo o serviço de vigilancia especialmente feito por auxiliares cuamatas, que fugiram á aproximação dos alemães. Devido á natureza do terreno, o inimigo conseguiu aproximar-se das vedetas, que déram alarme, tendo feito um violento ataque sobre o flanco esquerdo e alvejando com artilharia os barracões de Naulila, que incendiaram. Sob o peso das tropas alemãs, as nossas forças, em numero muito inferior, foram obrigadas a retirar de algumas das suas posições, mas apezar disso tentaram ainda vários outros ataques, propondo-se envolver o flanco esquerdo do inimigo, o que não conseguiram. Obrigadas as nossas forças a retirar, de novo tentaram retomar a ofensiva com infantaria e artilharia, sem resultado. O esquadrão de dragões, vindo rapidamente de Calveque, fez ainda um ultimo esforço atirando-se ousadamente sobre o flanco esquerdo do inimigo e conseguindo disimar as forças de cavalaria alemã que vinham sobre o nosso flanco direito, retirando, porém, com grandes perdas devido ao ataque de uma forte reserva inimiga. O mesmo telegrama dá noticia das seguintes baixas: morto o capitão Homem Ribeiro, de infantaria quatorze; desaparecidos os tenentes Francisco Aragão, de cavalaria, e alferes Sereno, idem; alferes Alves, idem; alferes Raul Andrade, do quadro auxiliar; prisioneiro o tenente Marques, de infantaria 14; feridos ligeiramente o capitão Albano de Mélo, o tenente Tristão Betencourt e o alferes Figueiredo, de infantaria quatorze. Está-se organisando a relação nominal das praças mortas, feridas e desaparecidas. As forças retiraram-se, como se disse, para um ponto estrategico escolhido mais para o interior, aguardando reforços proximos.

O govêrno continua tratando com todo o interesse de tudo que se ligue com a defêsa do nosso territorio em Africa e está empregando os maiores esforços para dentro do mais curto praso enviar todos os reforços que a situação exige.»

Infanteria 14, como é sabido, tem o seu quartel em Vizeu onde a triste nova deu causa ás mais comoventes cênas de angustia, lamentando toda a população a sorte dos pobres soldados e oficiaes.

Para acompanhar a expedição militar que se está organisando a toda a pressa afim de partir na primeira quinzena do mez corrente, renovou o seu oferecimento ao govêrno, o sr. D. João Evangelista de Lima Vidal, bispo de Angola, residente nesta cidade, e que, conhecedor, como é, das regiões que as nossas tropas teem de atravessar, se propõe acompanhalos caso sejam aceites os seus serviços.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

A camara de Ilhavo

e os barqueiros da ria

—=(*)=—

Quasi todos os jornaes se ocuparam já deste pleito, tendo-lhe até alguns consagrado larga atenção.

O nosso silencio, que só hoje rompemos, não quiz de modo nenhum dizer que o assunto nos tivésse passado despercebido; antes pelo contrário, mereceu-nos logo toda a simpatia e o maior desejo de o conhecermos tanto a fundo quanto possivel, o que aliás não podia deixar de ser, desde que se tratava de uma causa de tanto vulto e do mais reconhecido interesse publico.

Entendemos que nele não deviamos entrar sem primeiro o estudarmos devidamente, afim de agora podermos orientar os nossos leitores no verdadeiro caminho da equidade e da justiça.

Tirámos da nossa estante um regulamento da ria, que nos foi oferecido após a sua publicação, e vimos que ele era aprovado por Decreto de 28 de dezembro de 1912, encontrando logo o seguinte:

Art.° 1.°—*As disposições do presente regulamento são aplicaveis, na ria de Aveiro, ás aguas publicas e respectivos leitos.*

Art.° 2.°—*A jurisdição da capitania, no estuario* ria de Aveiro, *compreende, dentro dos limites em vigor, toda a ria propriamente dito, canaes e rios que nela desaguam, até onde chega a influencia das marés.*

Art.° 3.°—*Na ria de Aveiro é* **livre o exercicio da navegação** *e da pesca, observadas as disposições deste regulamento e do Reg. Ger. Cap.*[as].

Art.° 7.°—*Todas as embarcações empregadas nas industrias da pesca, apanha de plantas e* **transportes** *na ria de Aveiro devem ser registadas e o seu pessoal matriculado em harmonia com o Reg. Ger. Cap.*[as].

Art.° 8.°—*As matriculas vigoram por um ano e devem efectuar-se nos primeiros quatro mezes do ano para os barcos empregados na pe , recreio e* **transporte**.

Para nos certificarmos do rigor destas disposições, consultámos o decreto de 18 de Abril de 1895, o qual diz no art.° 1.° *que a jurisdição maritima se exerce até á linha do maximo preamar, dentro dos limites indicados por um mapa final, que consigna efectivamente para o porto de Aveiro:* **toda a ria, e o Rio Vouga até á ponte do caminho de ferro entre Cacia e Angeja.**

Do que fica exposto se conclue já que, pelo menos pelo que lhes diz a legislação maritima, os nossos barqueiros teem toda a razão porque a sua industria seja tão livre na prática como o é na teoria.

Mas como o edital da camara de Ilhavo, que temos presente, ao lado do da Capitania do porto, nos fale dos n.os 1.°, 2.° e 3.° do art.° 380.° do Codigo Civil, abrimos o velho livro e, folheando-o, que nos diz êle?

Art.° 380

...são publicas:

1.°—*As estradas, pontes e viaductos construidos e mantidos a expensas publicas, municipaes ou paroquiaes;*

2.°—*As aguas salgadas das costas, enseadas, baias, fozes,* **rias e esteiros,** *e o leito delas;*

3.°—*Os lagos e lagoas, e os canaes e correntes de agua doce, navegaveis ou fluctuaveis, com os seus respectivos leitos ou alvéos, e as fontes publicas.*

Ora daqui se infere:

1.°—que as estradas, pontes, viaductos etc., são cousas publicas artificiaes, jurisdicionaes do Estado ou das camaras municipaes, conforme aquela das duas entidades que tivér construido a cousa;

2.°—que as aguas salgadas das costas, baías, rias, etc., são cousas publicas e só jurisdicionaes do Estado, visto que o Codigo não indica outra jurisdição possivel para elas;

3.°—que os rios navegaveis ou fluctuaveis tambem são cousa publica e neles só póde haver jurisdição do Estado, tanto mais que o art.° 381.°, explicando quaes são as cousas comuns, lá refere no seu n.° 2.°: *as correntes de agua não navegaveis nem fluctuaveis que, atravessando terrenos municipaes,* etc.

Já vêmos, portanto, que para as rias—suas aguas salgadas e leitos—o Codigo Civil corrobora toda a legislação maritima, á qual, bem o sabemos, ele não podia ter deixado de servir de base, a menos que os nossos legisladores do Ministério da Marinha tivéssem ido para a lua, ao tratar dos seus encargos—e está bem provado que eles jámais déram provas disso.

De modo que ficamos ignorando o *porquê* e o *para quê*, da citação do Codigo Civil, feita pela camara de Ilhavo.

Fomos depois lêr as suas posturas, que declaram no art.° 177.° *ser proibido estabelecer barcos de passagem nos rios do seu concelho, sem sua licença.*

Com isso estamos perfeitamente de acordo, e os nossos barqueiros tambem não dizem o contrario. Simplesmente, como no concelho de Ilhavo não ha rio algum, nem grande nem pequeno, mas só a ria de Aveiro e seus esteiros, a dita postura em nada póde afectar os interessses de quem quer que seja—nem os dos barqueiros, nem mesmo os da propria camara. E isto o dizemos na mais imparcial das criticas que se pódem fazer no campo do jornalismo e até no da jurisprudencia.

* * *

Mas não deixaremos de levar a cabo o nosso exame do pleito, encarando-o ainda sob o ponto de vista, muito concreto, das *barcas de passagem.*

As leis que impendem sobre as *barcas de passagem* são unicamente duas leis antigas, que raro se vêem hoje citadas, sendo esta, sem duvida alguma, dizemo-lo incidentemente, a verdadeira razão por que as camaras ainda estão de posse de algumas *barcas.*

A primeira das leis é de 29 de maio de 1843 e a segunda é de 22 de julho de 1850.

Segundo elas determinam, desde a sua publicação só ficaram existindo *barcas de passagem* nos pontos em que os *rios cortam as estradas* e a menos de 2.500 metros para montante ou para juzante desses pontos. As *barcas* são consideradas como fazendo parte das mesmas estradas e, por isso, de dominio publico, nas condições do n.° 1.° do art.° 380.° do Codigo Civil, pertencendo a sua administração ao Estado ou aos municipios conforme as estradas dependerem dum ou do outro.

Nesses pontos, está claro, ninguem póde ter *barcas de passagem* senão por contrato com o Estado ou com as camaras municipaes.

Mas mais nada. Tudo quanto seja impôr dominio no rendimento das *barcas de passagem* em qualquer parte que não seja o *ponto em que um rio córta uma estrada,* é perfeito senhorio de navegação, é querer manter um direito feudal—que já as côrtes geraes e extraordinarias de 1821 aboliram.

Conscios agora de que do lado para onde nos pucham as simpatias assiste todo o direito e tambem toda a justiça, nós diremos aos nossos barqueiros que não se atemorisem e sigam o seu caminho, que é o da lei.

Não é só estampar editaes.

Ha que os apoiar na legislação—e em quanto a camara de Ilhavo não justificar o que publicou *sobre as barcas*, ela nada publicou e nada contesta.

Nós somos abertamente pelos barqueiros, porque a sua causa é a causa da liberdade, porque o imposto que a camara de Ilhavo pretende manter na sua industria é um feudo, que o vir de longe não justifica de modo nenhum.

Outras cousas teem vindo de mais perto e nem por isso deixam de se ir embora quando é preciso.

A barca da passagem para a Costa Nova, navega não num rio mas na agua salgada da ria. Ali não ha uma estrada cortada, mas uma estrada concelhia que, simplesmente, vae ter á ria e nela termina.

A barca da passagem de S. Jacinto, na ria navega tambem e não faz o efeito dr ponte. Para cumulo dos cumulos, esta, parte de uma estrada distrital, a n.° 71, e dirige-se para a duna, onde não ha estrada nem caminho algum, excepção feita das linhas deacuvile lá ao Norte!

Não. Ali, a pôr *barca*, só o Estado, pela lei basica de 22 de julho de 1850.

Enfim: entremos todos na lei. Tiremos os nossos réditos de onde os podemos tirar, e deixemos o Povo gosar das liberdades a que tem direito. Demais os pobres barqueiros mal ganham para o seu sustento, depois de pagarem os pesados tributos concelhios, trabalhando verão e inverno como servos de gleba. E por outro lado, a navegação da ria, com tal monopolio, não se modifica nem melhora nunca, achando-se hoje como nos tempos primitivos de Hanon.

PELA IMPRENSA

Acabamos de receber *O Mundo Teatral*, interessante revista semanal que se publica em Lisboa, fazendo uma larga reportagem da vida teatral portuguêsa e brazileira, e, em geral, da dos principaes centros civilisados, inserindo bélas gravuras de artistas e scenas de peças. E' impressa a côres sobre papel *couché* e o seu preço para Portugal é infimo, 1$00 ao ano e $60 o semestre.

Os pedidos, acompanhados da importancia em vale do correio, devem ser dirigidos para a rua da Alegria, 36, 1.° —Lisboa.

Aceitam-se agentes.

=O nosso coléga de Vila Real, *O Povo do Norte*, transcreveu parte do nosso artigo defundo da peuultima semana acompanhando-o de palavras lisongeiras, o que muito lhe agradecemos.

Dr Amorim de Lemos

—(*)—

Trouxe-nos o correio um Relatorio sobre serviços judiciaes e registo predial e hipotecario que o nosso presado amigo dr. Manuel Pereira Amorim de Lemos, digno delegado do Procurador da Republica na comarca de Quedem, India Portuguêsa, acaba de publicar para o seu concurso e promoção á magistratura judicial, cativando-nos em extremo a lembrança do seu autor incluindo no numero daqueles a quem dedica o trabalho a que nos reportâmos, o director deste jornal.

Amorim de Lemos, que nós conhecemos dos bancos das escolas e atravez uma vida laboriosa, nem por estar longe esquece os amigos. Ele tem-nos dado muitas provas, mesmo muitas, de que jámais olvidou velhos companheiros e que, apesar de distante, a sua alma vibra e apaixona-se por todas as questões de interesse colectivo tendentes ou a engrandecer a Patria ou a prestigiar a Republica visto que ambas as coisas prendem a sua sensibilidade. O *Democrata* possue no integro magistrado um verdadeiro, bom e leal amigo, tambem. E' por isso, talvez, que ele ousou distinguir-nos com o seu oferecimento, acompanhando-o de palavras de todo o ponto imerecidas, mas aceitaveis pelo que teem de sincéro, de natural.

Receba Amorim de Lemos um grande abraço e oxalá dentro em breve lhe possâmos enviar os parabens pela sua elevação a juiz do ultramar onde tanto se tem assinalado pela sua inteligencia e pelo seu caracter.

Necrologia

Faleceu com 90 anos de edade a sr.ª Joana Rosa de Jesus, mãe estremosa do sr. Joaquim Marques Pecegueiro.

O funeral désta velhinha, realizado no domingo, foi assaz concorrido, tomando parte nele a corporação dos Bombeiros Voluntarios, de cujo corpo activo o sr. Joaquim Pecegueiro faz parte, assim como uma deputação da Companhia Guilherme Gomes Fernandes e vários amigos da familia enlutada.

Os nossos sentidos pêsames.

Junta Geral

—=(*)=—

Novamente adiada, por falta de numero, a reunião convocada para sabado ultimo, por onde se conclue que a maior parte dos procuradores persiste em não comparecer a uma sessão que é da maxima urgencia que se realise visto que nela se teem de resolver problemas e questões de gravidade a que é necessario dar solução para honra de todos.

Causou-nos estranhêsa semelhante facto, pois supunhamos que ele se não repetiria quando anunciámos para o dia 26 a sessão que tanto interesse está despertando exatamente pelos assuntos que nela teem de ser tratados, o principal dos quaes é, sem duvida, aquele que obriga as explicações que o nosso director tem de dar á Comissão Executiva, de que faz parte, sobre as apreciações feitas neste jornal após o provimento do logar de 2.° prefeito da secção masculina do Asilo, assunto de alta importancia não só pelo seu valor moral, mas tambem pelo que se prende com a administração dos dinheiros da Junta e que nós queremos que seja quanto possivel isenta de defeitos, livre de toda a suspeita. E porque entendemos que semelhante situação não póde subsistir claro que pela segunda vez instámos perante o sr. presidente da Junta e instámos aqui nestas colunas por que se envidem todos os esforços possiveis para reunir a maioria dos procuradores afim de que possa efectuar-se no mais curto praso a almejada reunião, e se desvaneça do espirito publico a péssima impressão que tal atitude está produzindo.

Salve-se, ao menos, a honra do convento...

* * *

O nosso jornal a ir para a maquina e chegar-nos da secretaria da Junta Geral a informação de que vai ser feita terceira convocação para o dia 9. Oxalá que todos os procuradores se compenetrem dos seus deveres e assim nos mostrem que estão dispostos a cumprir o mandato com que foram honrados.

NAUFRAGIO

Na noute de segunda-feira ultima, cêrca das 20 horas, naufragou na nossa costa, entre as praias da Vagueira e Costa Nova, a escuna portuguêsa *Mascote*, da praça do Porto, para onde se dirigia e de que é proprietario o sr. Antonio José Rebelo de Lima, estabelecido naquela cidade.

O navio, que procedia de Setubal carregado de cimento, batido pela formidavel tempestade que ha dias açoita impiedosamente o litoral, não poude evitar que a violencia do vento e da corrente o impelisse para a costa, onde veiu, afinal, a varar, com gravissimo perigo para a sua tripulação. Compunha-se esta do mestre, Francisco Gonçalves Viana, natural de Ilhavo e mais seis homens que conseguiram salvar-se apenas com a roupa que tinham vestida.

A perda do navio e da carga é total.

Cabe-nos aqui registar o valoroso auxilio que o pessoal dos postos fiscaes das referidas praias prestaram aos pobres naufragos, pois a não ser o seu socorro ninguem acudiria aos infelizes, por mais nenhuma pessoa, presentemente, habitar aquelas paragens. Não só valiosamente concorreram para o seu salvamento, como ainda prestaram todo o auxilio que em taes circunstancias sempre exigem as vitimas de tão tristes e penosas fatalidades.

Sem resposta

Porque nos quizéssemos inteirar melhor da probidade dos secretário e tesoureiro da Junta de Paroquia de Vagos, perguntámos ao orgão evolucionista daquela vila se, no caso de serem realmente pessoas honradas, se podia admitir que tivéssem intenção de praticar uma burla, como o aludido jornal deu a entender ao referir, com ares de escandalo, o pagamento dos dois covatos para a mesma pessoa, assunto este por nós aqui esclarecido com toda a isenção e verdade. O *Correio de Vagos* diz, com efeito, coisas; mas de tal maneira obnoxias que não vale gastar mais cêra com tão ruim defunto...

Entregue, entregue a alma ao diabo. Assim deve fazer aquele que aquilata por si, pelas suas acções e pelos processos de que usa lançar mão para ferir reputações, a honra dos outros.

A menos que esteja á espéra que o expropriem por utilidade publica.

Por falta de éspaço ficam-nos por publicar alguns originaes do que pedimos desculpa aos seus autores.

BODAS DE OURO

Festejou no dia 29 do mez findo, as suas bodas de ouro, o importante jornal alfacinha, *Diario de Noticias*. Publicando um numero especial e comemorativo, na verdade extraordinariamente curioso não só pela expendida colaboração como ainda pela larga referencia de factos passados e resenha historica da imprensa em Portugal, esse numero conta a bagatela de 36 paginas não custando, apesar disso, mais do que o preço ordinario: 1 centavo!

Por esse facto sauda o brilhante diario todos os seus colegas da imprensa a quem deseja, sem excepção, *vida longa, prestigiosa e prospera.*

Pelo quinhão que nos toca, os nossos agradecimentos, com os votos sincéros para que o velho *Diario de Noticias* continue fruindo todas as prosperidades a que tem direito pelo logar, brilhantemente conquistado, que marca no jornalismo portuguès.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luis Cipriano.

Notas mundanas

Tivémos já o prazer de abraçar nésta cidade, onde chegou no fim da ultima semana, de regresso do Pará, o sr. Raul Marques da Cunha, dilecto filho do abastado capitalista sr. Inacio Marques da Cunha.

Comquanto o estado de saude do nosso amigo não seja inteiramente bom é de presumir que, com os ares patrios e o tratamento a que vai sugeitar-se, dentro em bréve se restabeleça, o que sincéramente desejâmos, augurando-lhe dias da maior felicidade.

A Raul Cunha o nosso agradecimento pela espontaneidade da sua visita, que muito nos cativou.

=*Foi colocado em Coimbra no regimento de infanteria 23 o sr. tenente Antonio Ferrão, que durante alguns anos fez serviço no 24, aquartelado nésta cidade.*

Retirou, por isso, acompanhado de sua familia, tendo-nos dado a honra da sua despedida.

Que seja feliz.

=*Acaba de fixar novamente residencia em Lisboa o nosso velho amigo e assinante, sr. Joaquim Bernardo Bastos.*

=*Tambem veio passar o Natal com sua familia o aplicado aluno de medicina na Universidade de Coimbra, sr. José Vieira Gamélas.*

=*Está completamente restabelecido o sr. Augusto Emilio Teixeira Botelho, que neste distrito exerce as funções de tesoureiro pagador do ministério do Fomento.*

=*Estivéram em Aveiro os srs. dr. Joaquim Batista Leitão, de Anadia; Claudio Portugal e Manuel Maria da Rosa, de Mamodeiro; Joaquim Dias Batista, Marcos Ferreira Pinto e dr. Samuel Maia, de Ilhavo; João Afonso Fernandes, de Cacia e dr. Eugenio Couceiro, da Mealhada.*

=*Agravaram-se os padecimentos do sr. Manuel Augusto da Silva, o que sentimos.*

CONFEITARIA MOURÃO

(Sucessora)

Pessoa de máu caracter e, decerto, de peores instintos, lembrou-se de propalar, enviando a alguns jornaes cartas em nome da sr.ª D. Laura Gamélas Vilaça em que esta declarava ter tomado, de trespasse, a conhecida e afreguesada *Confeitaria Mourão*, da Rua Coimbra, da qual é hoje proprietaria a sr.ª D. Conceição Maria dos Anjos, e a cujos esforços se deve a completa transformação do estabelecimento que, no seu genero, é um dos melhores de Aveiro.

Sem atinar com o fim a que visou o infame boateiro, pertencente ao numero daquélas creaturas de baixo estofo que passam a vida a escrever cartas anonimas, insultando e intrigando com manifesto despreso pela propria dignidade, claro que a sr.ª D. Conceição se empenha agora por levar ao conhecimento de todos os seus freguêses a convicção de que continua a dirigir o estabelecimento com aquéla seriedade e esmero que lhe déram a fama de que gosa, no que não temos duvida em auxilia-la tornando publica a malandrice de que foi vitima e que tanto a podia prejudicar.

Psicologia comparada

—=(*)=—

O grande jornalista francês Emilio Gautier publica no *Petit Journal*, com a epigrafe acima, o seguinte interessante artigo:

«Por acaso, acabo de encontrar o vestigio de um facto, dum pequeno facto que, por mais insignificante que possa ser, merece ser evocado, porque ilumina singularmente a psicologia das raças atualmente em luta.

Não sei se se lembrarão. E' de data afastada—ha mais de um ano—e depois disso, muito sangue tem corrido sobre éla.

Trata-se de um concurso que ha tempos os jornaes organisaram entre os seus leitores para constituir a lista, por ordem de importancia, das sete maravilhas do mundo moderno.

Foi um jornal francês que deu o exemplo, mas um jornal de Berlim, o *Lokal Anzeiger* (cujo correspondente em Paris, seja dito de passagem, era um espião, delicado e pérfido) atravessou-se-lhe. De ambos os lados, afluiram as respostas por centenas de milhares, exteriorisando assim a mentalidade profunda dos dois povos.

Não deixa de ser interessante recordar o sentido geral déssas respostas e já se verá porquê.

Aos olhos dos francêses, as sete maravilhas do mundo classificavam-se por esta fórma:

1.º, aeroplano; 2.º, telegrafia sem fios; 3.º, rádio; 4.º, locomotiva; 5.º, enxerto humano; 6.º, sorum anti-difterico; 7.º, dinamo.

Os alemães não o consideravam assim. Eis como eles classificavam as obras primas do genero humano:

1.º, telegrafia sem fios; 2.º, canal de Panamá; 3.º, Zeppelin; 4.º, aeroplano; 5.º, rádio; 6.º, cinematografo; 7.º, o paquete *Imperator*.

A comparação destes dois referenduns lembram algumas observações instrutivas.

Certas descobertas são de natureza a ferir de tal modo a imaginação, em razão da sua novidade, da sua originalidade, da imensidão dos horisontes inesperados que descobrem, que é natural que impressionem quasi ao mesmo gráu todos os homens, mesmo os mais barbaros, sem excepção de origem nem de *Kultur*. Nada é pois para admirar que o aeroplano, a telegrafia sem fios e o rádio produzam uma admiração equivalente dos dois lados do Rheno.

Mas queiram notar como o entusiasmo teutonico vai de preferencia para o *Kolossal*: o canal de Panamá, o Zeppelin, o *Imperator*. Todas as obras teem os seus meritos, sem duvida, mas que se recomendam principalmente pela sua enormidade. Devem-se ainda apontar algumas reservas a proposito do Zeppelin, maquina imperfeita, escabrosa e inquietadora fragilidade, como a respeito do *Imperator*, cuja unica superioridade—superioridade provisoria—é ser o maior navio do mundo, mas que logo á sua primeira saída, teve infelicidades.

Reconhece-se aí bem o gosto dos alemães, pelo monstruoso e pelo anormal.

Os francêses, que teem o sentimento da medida, não deixariam de pôr de reserva trabalhos que, no fim de contas, não se distinguem dos trabalhos anteriores a não ser pelas suas dimensões.

Abstraindo mesmo de todas as outras considerações—e Deus sabe quantas ha—o gigantesco só lhes aparece como uma qualidade necessaria e suficiente.

Não é menos curioso notar que dão um logar de honra ao *enxerto humano*, quer dizer a reparação das perdas de substancias consecutivas a uma ferida com auxilio de tecidos tirados a um outro sêr e ao sorum anti-difterico; os alemães até consideram, por indiferente, o que apresenta um caracter pacifico ou humanitario.

A piedade não é, aos seus olhos, a peor das fraquesas, o estigma essencial da decadencia?

Não lhes falem do que alivia, do que póde reduzir ao minimo a miséria, o sofrimento ou a mortalidade; essas cousas são boas para as mulheres e para os degenerados. Se não fazem figurar na sua lista os canhões 42 e bombas incendiarias de nafta, é unicamente porque a casa Krupp guardára religiosamente esse segredo.

O mais curioso da historia é que, entre as maravilhas celebradas pelos alemães com os triunfos da sciencia moderna, em sete ha seis que são francêsas.

Que sería, com efeito, a telegrafia sem fios sem o dr. Branly primeiro e sem Marconi (um italiano naturalisado inglês) depois? Por ter sido acabado por americanos não é o canal do Panamá essencialmente francês? Onde foi que, com excepção dos irmãos Wright, nasceu a aviação, onde se desenvolveu desde que se tornou pratica, se não em França? O que é mesmo o seu Zeppelin, senão uma amplificação da aeronave do coronel Renard? Não foi á França que os alemães roubaram o modêlo do seu *Aviatik* e do seu *Taube*? O radio não pertence ao nosso lastimado Curie? Não foi dos trabalhos de Marey e de Lumière que saiu a cinematografia?

Numa palavra: de todas as admirações do povo alemão só fica o *Imperator*.

Podemos dar-lho, tanto de melhor boa vontade, quanto o *Imperator*, se pensar em retomar o mar... sabe o que lhe sucede!...

Mas não é verdade que a comparação destes dois documentos, que não foram feitos para as necessidades da causa, não deixa de ser sugestiva?»

ANGOLA

Por especial deferencia para com este jornal, o nosso querido amigo sr. Francisco Vieira da Costa, residente em Loanda, encarrega-se de receber, nessa cidade, todas as assinaturas do DEMOCRATA respeitantes á provincia.

Rogâmos, pois, aos nossos presados subscritores a finêsa de a êle se dirigirem visto como já se acha de posse dos recibos mediante os quaes deve ser efectuado o pagamento.

"Historia da Guerra Europeia,,

E' realmente digna de ser recomendada esta publicação, não só por estar habilmente elaborada mas tambem pelo relativo luxo da edição. O tomo que temos presente, o 6.º, além de uma linda capa a côres, de optimo efeito, insere o Diario da Guerra, de 19 a 31 de agosto; tipos dos dirigiveis: alemão, *Veeh*, 70 kilometros de velocidade, construido de 1911 a 1913; francês, *Ville de Paris*, 43,2 kilometros de velocidade, construido em 1906; inglês, *Parseval*, 68 kilometros de velocidade, construido em 1913; tipos de navios alemães: Dreadnought *Moltke*, 23:000 toneladas, 25:000 cavalos, 10 canhões de 28, 12 de 13 e 4 tubos lança-torpedos; Dreadnought *Hergoland*, 20:500 toneladas, 23:000 cavalos, 10 canhões de 31, 14 de 15 e 6 tubos lança-torpedos; Dreadnought *Posen*, 18:500 cavalos, 12 canhões de 28, 12 de 15 e 6 tubos lança-torpedos.

Pelo diminuto preço de 5 centavos cada tômo de 32 paginas, não se póde exigir mais, e é muito de louvar a iniciativa da casa editora, pondo assim ao alcance de todas as bolsas uma obra ilustrada, interessante, educativa e de flagrante atualidade.

Todos os pedidos devem ser dirigidos á **Tipografia Gonçalves**, *12, Rua do Mundo, 14*—Lisboa.

CORRESPONDENCIAS

Pará, 11 de Dezembro

O paquete inglês *Antoni*, que saíu em 22 de novembro ultimo com destino á Europa, levou para Liverpool o restante dos passageiros do vapor *Vandsck* e da tripulação do *Glauton*, em numero de 34, que, como disse na minha ultima correspondencia, pertenciam aos vapores inglêses que os alemães meteram a pique no alto mar.

= Partem ámanhã com destino a Portugal os nossos amigos, Raul Marques da Cunha e Manuel Lino Simões Dias, este de Cacia e aquele de Aveiro.

Que tenham feliz viagem é o que lhes desejâmos.

= Achando-se aqui fundeados por causa da guerra dois vapores alemães, o *Rio Grande* e o *Assuncion*, deu-se o caso de se evadirem de bordo alguns marinheiros por não poderem suportar os máos tratos, tendo ido á *Folha do Norte* fazer revelações importantes, e que causaram cérta sensação.

Quando os alemães chegam a maltratar os seus patricios, que fará os estrangeiros!

Bôa gente...

= A colonia portuguêsa daqui não deixou no olvido a data gloriosa do 1.º de Dezembro de 1640, pois o *Centro Republicano Português*, a *Tuna Luzo Caixeiras*, o *Gremio Literario Português* e bem assim o consulado, hastearam os seus pavilhões, iluminando á noite as suas fachadas.

A orquestra da *Tuna* percorreu diversas ruas da cidade acompanhada de 10 automoveis, tendo tocado algumas peças de musica do seu vasto reportorio em frente ao Centro Republicano e nas diversas redações de jornaes, terminando a festa pela madrugada do dia 2.

= Chegou ao Pará no dia 28 de novembro ultimo, a bordo do vapor *Lanfranc* o sr. Luiz Marques da Cunha, natural de Aveiro e fundador da grande fabrica Palmeira desta cidade.

O sr. Cunha veio em substituição de seu irmão Inácio, que era aqui esperado.

= Diz-nos um telegrama do Rio de Janeiro de 30 de novembro ultimo, que o vapor inglês *Bristol* ao saír daquele porto e achando-se no alto mar, avistou o cruzador alemão *Karlsruhe* e fôra em sua perseguição não o alcançando por este ter maior andamento.

= A fim de inspeccionar os consules portuguêses no Brazil, chegou no dia 28 ultimo, no *Lanfranc*, o sr. Julio Brandão Paes.

= O *Centro Republicano Português*, convidou para uma reunião, que se realisou no dia 3 do corrente, pelas 19 horas, todos os presidentes das cinco sociedades portuguêsas no Pará afim de se combinar a melhor maneira de levar a efeito uma subscrição para a Cruz Vermelha Portuguêsa.

A seguir teve logar outra reunião, sendo esta na séde do *Grémio Literario Português*, á qual compareceram mais de 500 pessoas em destaque no seio da colonia.

Ficou nomeada uma comissão central e com esta mais oito, as quaes terão de percorrer a cidade, cada uma na sua área, afim de obter qualquer donativo em dinheiro ou objectos com que cada pessoa pretenda concorrer.

A comissão central ficou composta dos seguintes cidadãos: *presidente de honra*, o consul português; *presidente efectivo*, dr. Emilio do Amaral; *vice-presidente*, Casimiro de Almeida Dias; *1.º secretário*, Adelino da Silva Gil, 2.º, Alberto Garcia; *1.º vice-secretário*, Anibal de Barros; 2.º, Custodio Placido Braga e *tesoureiro*, José Maria Marques.

Os vogais são os presidentes de todas as associações portuguêsas.

Fizéram uso da palavra diversos oradores os quaes foram muito aplaudidos, reinando sempre grande entusiasmo por parte de todos.

Devemos dizer que a iniciativa do *Centro Republicano* foi muito aplaudida por constituir um acto patriotico dos mais elevados.

Não podemos dar uma noticia de tudo quanto se passa por não dispormos de tempo; no entretanto desejâmos afirmar que toda a colonia está disposta a auxiliar a *Cruz Vermelha Portuguêsa*, tendo já sido oferecida á comissão, pela Associação Comercial a quantia de 500$00 rs. e mais dez milheiros de cigarros *Terezita* pelos srs. Y. Sertaty & C.ª.

Mais outros oferecimentos foram feitos, entre eles o de um grupo de artistas portuguêses, para levar a efeito, no Teatro da Paz, um beneficio para o indicado fim.

Factos desta naturêsa desvanecem-nos porque muito honram a colonia em terras estrangeiras.

C.

Povoa do Valado, 28 de Dezembro

Mal se acredita que em pleno seculo XX exista gente que, inculcando-se sensata e impecavel, pratique o acto asqueroso e condenavel de seduzir testemunhas em satisfação de interesses mesquinhos. Tal é o procedimento do mandão da Povoa do Valado, com pretensões a Bismark português, encontrando na pessoa de sua consorte um auxiliar dedicado para convidar pessoas pobres a jurarem numa questão de limites de propriedade o que muito bem aprouver ao *Bismark*, que ainda por cima as ameaça, caso não obedeçam, se forem aos seus pinhaes colher a lenha caída das arvores, mas oferecendo-lhes pão, no caso contrario, o que esses pobres regeitam dignamente.

Antevendo uma derrota inevitavel, o *heroe* incumbe um seu mestre, não menos digno do discipulo, de propôr a paz entre os contendores, dividindo a meio o terreno em questão, proposta que o autor repele, e muito bem, por indigna e ao mesmo tempo infamante, proposta só propria de letigantes de má fé e que, aceita que fosse, punha em cheque a probidade do autor para gaudio déssa cambada sem escrupulos que espreita em toda a parte e por todas as fórmas e maneiras o modo de apoquentar aquêles que se desviam do seu contagio, que não chafurdam no lamaçal das suas torpezas.

Estamos para vêr o resultado da façanha ignobil; estamos para vêr se o córte e destruição das arvores no terreno da questão constitue ou não crime, ou se esse acto premeditado com intenção demonstrativa de bôa fé, será galardoado com o esquecimento ou com uma absolvição como ha exemplos. Se assim fôr, réu e seu comparsa, rejubilarão de contentamento; e na Povoa do Valado como em Pecegueiro se continuará a dizer que é preciso curvar-nos reverentes á passagem dos dois congeneres e obedecer cegamente ás suas vontades para não incorrer nas iras dos maráus.

Vá, portanto. E' preparar o terreno árido da defêsa com todos os auxilios, que assim se alcançará mais uma *vitoria* para juntar ás anteriores.

C.

Ois da Ribeira, Agueda, 27 de Dezembro

Escreveu-nos ha dias um amigo, residente no Brazil, perguntando porque se formou a Cultual, e porque está desarmonisada a freguezia em materia religiosa. Esta pergunta afigura-se-nos ingenua em demasia, mas emfim, meu cáro, sempre lhe dizemos alguma cousa sobre o seu curioso desejo.

Quando foi decretada a lei da Separação das egrejas e do Estado, o grupo republicano têve logo desejo de a fazer cumprir e para isso procurou o então juiz da irmandade das almas para que esta corporação tomasse conta do culto católico, ao que este senhor atendeu, convocando uma reunião do resto dos mezarios que assinaram uma acta nesse sentido, á excepção de um, que requereu uma assembleia geral dos irmãos para finalisar a combinação já feita.

Mas como a esse tempo o atual prior estivésse envolvido no atentado da Ponte do Pano e não tivésse ainda perdidas as esperanças da restauração da monarquia, chamou o tal juiz, que tambem é um monarquista encapotado e fe-lo no dia da assembleia geral dar o dito por não dito, e engulir a acta, editaes e tudo.

Em vista de tal atitude do juiz e de mais mordomos, que, fanatisados pelo reaccionario padre não concordaram com que a irmandade tomasse conta do culto, foi então que o nosso grupo tratou de organisar a cultual. Passados dias apoz a reunião já mencionada, em que o padre se tinha mostrado um cordeirinho manço, veio ordem superior de Lisboa pedindo a captura do referido prior, por ser um dos implicados no caso da Ponte do Pano. Bem. A egreja ficou logo abandonada, e passaram-se uns cinco mezes sem que éla funcionasse.

Foi então, nesta altura, que alguns republicanos religiosos se viram feridos nas suas crenças e resolveram ir, em comissão, a casa de um influente monarquico, que, di-

reia da Silva, procurava por todos os modos contrariar os planos do *Mijarêta*, esforçando-se por integrar-se em todos eles mas recusando-se a trabalhar conjuntamente, como aquele desejava, cértamente para o arredar dos segredos da sua conspiração.

Manuelistas e miguelistas iniciaram então toda a sorte de habilidades para se ludibriarem mutuamente, tentando por esta fórma os manuelistas apoderarem-se do armamento que o Jacinto possuia. Parece que este negava ter em seu poder as armas que lhe eram requesitadas, visto que o Abel dos Santos Ferreira afirmava a pés juntos, convicto e furioso, que o Jacinto tinha efectivamente armamento em grande quantidade e invocava para isso o testemunho dum tal Albano, merceeiro de Santa Catarina, em frente a Fradelos.

Os manuelistas resolveram então apossar-se ardilosamente das armas que lhes eram negadas, pondo em prática os mais variados recursos e efectuando várias tentativas para a consecussão do seu fim.

Por tempo foi esta a maior preocupação dos conjurados e graças a ela pudéram os grupos civis, que lhes andavam no encalço, descobrir que o alvo dos conspiradores era a casa da rua do Calvario n.º 69, onde funcionava uma casa de hospedes.

Postos assim na pista, os nossos correligionários soubéram que a dona dessa casa, *alcoviteira de sacristia*, estava intimamente ligada ao Aquiles Monteiro, dono duma casa de camas, da rua de Cedofeita, o *Bon ménage*, que se chamava D. Custodia, e era toda do padre-conego Correia da Silva.

Em volta desta D. Custodia os manuelistas iniciaram os seus trabalhos de captação e não foi dificil saber-se que esta creatura era afinal a fiel detentora do armamento que o Jacinto negava ter de acordo com o conego Correia da Silva. Os manuelistas usaram da influencia que o aquiles tinha sobre a D. Custodia, para lhe apanhar o armamento que ainda possuia sob a sua guarda desde o dia 29 de setembro e que não seria possivel conseguir sem a intervenção de pa-

No entanto, no Porto, o Cecioso tinha perdido o seu ar desanimado e triste e andava alegre, saltitante, a espreitar-lhe no til dos lábios uma bôa nova.

O Jaime chegou! E pressurosamente o Cecioso foi dizer-lhe a novidade sensacional: cruzára-se com ele a ordem bancaria tão ambicionada e que tanto se fizéra esperar; a *massinha* chegára e estava tudo garantido.

Começou então a distribuição da maquia, tocando bôa parte ao Sá Pereira, ex-reitor de Caminha, para com ela comprar os *arcabuzes* que deviam servir na noite da revolução. O encarregado de comprar o cheque que devia ser remetido ao reitor foi o dr. Oliveira Lima.

Lubrificadas assim as válvulas da conspirata, esta entrou de rodar em todos os maquinismos preparados.

O Jaime Silva dava os ultimos e definitivos retoques. Partiram ordens terminantes para que os *complots* chamassem ás fileiras os já desalentados comparsas da conjura. Assentou-se na intervenção directa de Azevedo Coutinho, que oportunamente devia entrar no país, e depois seguir para Lisboa, onde ultimaria o movimento insurrecional de que ele ficava sendo comandante.

E para Paris, onde o cabecilha se encontrava então, o Jaime Silva enviou um eloquente documento que equivale a uma ratificação de compromissos tomados.

Esse documento é o seguinte:

28 | 7 | 913

Meu ex.mo Amigo

Relativamente a si está tudo tratado. Aceitaram de mãos abertas a sua acção, o que só ontem ficou combinado, por só ontem nos podermos reunir. Qualquer dia, em cifra, lhe direi, com todos os pormenores, qual é a situação, que é bôa e não podia deixar de ser. Fale V. Ex.ª com aquele homem que no Quai d'Orsay me emprestou 100 francos e diga-lhe V. Ex.ª que tem que trazer

ga-se de passagem, era muito crente, valendo-lhe isso ser várias vezes arrastado a precipicios pelos proprios amigos, dizendo-lhe aqueles o que desejavam, que era irem perante o arcipreste pedir-lhe que puzésse para cá um padre na egreja, até que o prior adquirisse a liberdade, mas que se devia formar uma comissão para isso de ambos os grupos. E, depois de decorrer um pouco de conversa, o monarquico em questão, expoz aos comissionados que era conveniente esperar mais algum tempo, a vêr se o seu amigo prior vinha da cadeia, ao que os nossos correligionarios acederam da melhor vontade.

Agora quer o bom do amigo saber o que se deu logo apoz isto? Não levou muito tempo que dentro do grupo monarquico se organisasse uma comissão, e láfoi, ocultamente, ter com o arcipreste para este mandar para Ois um prior, seu afeiçoado politico! Já viu maior deslealdade? Já presenciou maior afronta ao brio de um grupo que procurou estabelecer a paz numa freguezia ligando-se para assim ser com os seus adversarios?

Diz tambem na sua carta, se não será viavel um acordo.

No nosso entender só é viavel um acordo amistoso quando sucumbirem meia duzia de caturras, e que na sua sepultura se ponha, para admiração das gentes, o seguinte distico:

Aqui jáz um inimigo da Liberdade e do Progresso, que do povo fez seu escravo, a ponto de até os proprios correligionaries serem uma vez metidos num carcere, sem culpa formada, para sacear os seus odios.

Fica, pois, meu cáro amigo, demonstrado o seu desejo, e agora faça a sua apreciação sobre este punhado de verdades.

=Entraram ontem com as suas multas no cofre da irmandade os irmãos que ha dias faltaram a uma assembleia geral.

Quando entrarão tambem as multas de alguns mezarios em egualdade de circunstancias?

Aguardamos isso.

=Por onde parará uma subscrição ha anos aberta no Rio de Janeiro por patricios nossos, e aonde existem quantias importantes para compostura dos telhados da egreja? Quem gosará esse dinheiro? Quando resolverão gasta-lo, ou restitui-lo aos seus donos?

=Acham-se em goso de férias nésta freguezia, os srs. Diniz P. da Silva, Luiz dos Santos e Claro de Almeida.

=Tivémos ontem noticias dos nossos queridos amigos e correligionarios Alberto e Jaime Marques, que estão no Rio de Janeiro a tratar dos seus negocios.

C.

Comunicados

Parabens

Um grupo de amigos do sr. Elias Gonçalves de Melo vem por este meio felicital-o pela sua nova nomeação para proposto do tesoureiro da Fazenda Publica em Ilhavo, logar que de ha anos vinha exercendo com a proficiencia e zelo que lhe são peculiares.

Ilhavo, 31 de dezembro de 1914.

A MINHA DEFÊSA

Maldita sociedade aquéla onde a amizade é uma burla, onde a honra é negocio, a chuchadeira um passatempo e o luxo, capa fidalga de degenerados, é ornamento de nulidades que aspiram grandezas á custa do ultimo figurino movimentado com gestos teatraes.

E' que o individualismo economico presta-se a todos os caprichos que para aí se praticam, desde a exploração permitida por lei, até ao roubo astuciosamente feito. E a Justiça, que devia ser a balança da consciencia humana, está por conta do capital comerciavel em vez de afinar a nobreza de sentimentos.

E' assim, neste estado de cousas que tem de ser aqui debatida essa obra de sapa com que minaram a minha independencia para se livrarem da propaganda de higiene social que venho fazendo. Mas tenham a certeza de que não os largarei até se resolverem a abandonar o logar onde prepararam a minha ruina.

Eu quero que essa sociedade diga se acha bem perder o meu logar de tesoureiro por ter sido comprometido manhosamente, na intenção de se apoderarem desse emprego, que devia negociar obriga-lo pelas circunstancias e conveniencias economicas.

Entendo que pedi a minha demissão muito bem pedida ao ter conhecimento de que prevaricára pela mão do meu proposto e o ministro concedendo essa exoneração demonstrou que era bem merecida assim, talvez para não ser imposta.

Só agora aqui venho acusar o proposto da tesouraria porque não quiz estorvar-lhe o seu acesso ao logar, e faço-o por voltar a ser nomeado proposto do novo tesoureiro.

Eu quero saber onde é que existia para comigo essa amizade tão apregoada.

Para que eram essas intrigas familiares no proposito de me desgostar e isolar do seu convivio, fóra outras de intenção mais reservada.

Apresento-lhe os meus sentimentos; não podemos ser felizes em todas as nossas aventuras...

Mas o sr. Elias como teve sorte na manobra com que conquistou o segredo do pó de tijolo,deixando o pobre Patoilo magoadissimo,entendeu que devia fazer-me o mesmo preparando o terreno com o cuidado dum mestre.

Foi facil aprender o serviço e preparar-se para ser tesoureiro, e facil lhe sería desembaraçar-se da minha pessoa atendendo ás suas importantes relações e inumeros recursos, mas o que naturalmente hade ser um pouco mais dificil é conseguir o ambicionado despacho.

O que faria um homem que tivésse um bocadinho de vergonha depois de vêr que fui impelido a pedir a demissão por sua causa?

Naturalmente não voltava mais a tal repartição se essas faltas tivéssem sido cometidas involuntariamente; mas este sr. Elias tão consciente está da sua obra que até pediu para continuar a ficar no mesmo logar de proposto! *O que se não fáz no dia de santa Maria consegue-se ao outro dia,* assim pensará decérto.

Bem sei que estou só na apreciação destes acontecimentos que dão cabo de mim, porque a sociedade é bastante ingrata para não defender um homem que propagou ideaes contrarios aos interesses do trafico, embora cheios de patriotismo e humanitarismo. E os meus inimigos, gente séria, que ficou amarrada á monarquia dos adiantametos, entendeu que tambem devia adeantar-se sem contemplações por ninguem porque precisava continuar a viver déssa fórma que lhes está na massa do sangue.

Eu bem quiz vêr se conseguia uma transição alimentar que os livrasse de bacalhoadas putridas purificando-os com o meu exemplo, mas não foi possivel. O interesse ultrapassou o dever, com intenções pouco dignas.

Agora já é tarde para reconsiderações. Quem nasceu para engraxador que continue no oficio...

Para mim é uma satisfação ter cumprido um dever que a situação me impôz e tambem deve ser uma honra para os camaradas que espreitam o meu procedimento.

Até bréve.

Ilhavo, 31 de Dezembro de 1914.

Marcos Ferreira Pinto

P. S.—Peço licença ao amigo Arnaldo para dar um conselho ao correspondente do *Democrata* em Ois da Ribeira com respeito ás apreciações feitas no ultimo n.º deste jornal sobre os caciques monarquistas da sua terra.

Introduza o amigo néssa região jornaes operarios, livros e folhetos de educação sociologica e anti-catolica para instrução do povo trabalhador e verá desfazerem-se como por encanto todas as aventuras déssa seita exploradora.

Ilhavo, 1 de Janeiro de 1915.

M. F. P.

Anuncios

26

Remedios e Pires, (1) pelo menos, e que para ele vai comunicação por outra via.

E eis a minha resposta á sua carta de 20. Chegou a encomenda e o caso segue afincadamente.

Hotel de Baviére

A noticia de que Azevedo Coutinho aceitatará uma chefia reanima os conspiradores—A actividade da conjura ressurge—Reuniões, ofertas e adesões—Em busca de armamento—Manuelistas e miguelistas jogando as escondidas—Uma carta de Cecioso—Os pseudónimos dos conspiradores

A carta publicada é, como viram, a investidura de Azevedo Coutinho na chefia da revolução de Lisboa, o qual devia trazer consigo os oficiaes rebeldes Santúrio Pires e Remédios da Fonseca.

Os amigos da Republica, encarregados de vigiarem no Porto os elementos conspirateiros, benziam-se com as mãos ambas ao notarem o entusiasmo com que o Melinho da Maia mexia em todas as molas da conspiração e pudéram haver ás mãos o fio da meada. De resto, a nomeação de Azevedo Coutinho corria á boca pequena por entre eles, até que, como o lendario presunto de Bocage, veio agasalhar-se nos ouvidos sempre atentos dos fieis amigos das instituições. E não se diga que os conspiradores foram imprudentes. Não o foram. O nome do cabecilha era necessário que circulasse para levantar o animo dos mais pessimistas, tendo-se atingido esse resultado.

Os preparativos apressaram-se então e os nossos correligionarios sentiram a necessidade de apertar a vigilancia, com grande risco da propria vida, pondo em prática os mais inaginosos processos, chegando alguns a irem á fala com os proprios conspiradores e seguindo temerariamente todos os

(1) Remédios e Pires são os oficiaes conspiradores Remédios da Fonseca e Satúrio Pires. A encomenda é o dinheiro.

27

seus passos. Como num escuro cosmorama, onde só se destinguissem sombras, assim se movia a conspiração. As reuniões sucediam-se com frequencia, ora para os lados da antiga rua do Duque do Porto, ora no Hotel Universal, que entrou de funcionar durante dia e noite. As adesões ferviam. Um dia era um Carlos Lopes de Carvalho, de Gaia, vindo oferecer-se com 100 homens; outro dia era alguem que partia para Vigo a oferecer ao ex-reitor de Caminha mais 99 conjurados e prometendo assar no forno 200 republicanos! Os cabecilhas civis andavam triunfantes. Tinham dinheiro, armas e gente. A coisa ia bem. No entanto, no arsenal dos conjurados, á quinta do Alão, velavam-se as armas.

Na casa da rua Duque da Terceira e não na rua Duque do Porto, como saíu por lapso, apareceu o major Mergulhão, agente do *complot* de Bragança, creatura em quem o Oliveira Lima depositava toda a confiança e assegurava ser um dos melhores elementos daquele distrito.

As reuniões sucediam-se tambem na casa de uma D. Maria Rosa Pinto, á rua Formosa, n.º 54, onde se reuniam, em conciliabolos secretos, um professor da rua do Calvário, n.º 22, de nome Vasconcélos, o Vicente Pinto de Faria, conhecido pelo *Faria dos Bigodes*, o Almiro de Vasconcélos, o Assis Teixeira, do Marco de Canavezes, o dr. Barbedo Pinto, o célebre ex-quarteleiro da policia Santos, o ex-policia Almeida, empregado do *Jornal de Noticias*, e muitos outros conspiradores de somenos importancia

Nestas reuniões tratava-se especialmente da disposição dos grupos, da nomeação dos respectivos chefes e do recebimento de novos adeptos.

Como os nossos leitores vêem, os trabalhos manuelistas proseguiam com toda a celeridade e método agindo,, ao que parece, separadamente do *comité* miguelista que, obstinadamente, se recusava a fornecer o armamento de que dispunha.

O Jacinto, o tal cabo de guerra de Matozinhos, de quem se queixava Jaime Silva na carta enviada a Jonh Walter (Luiz de Magalhães), teimosamente ligado ao conego Cor-